

LUÍS FERREIRA ALVES - PEROGUARDA:

“O QUE SOBRA AOS HOMENS, NÃO CHEGA AOS CÃES”

Pedro Bandeira

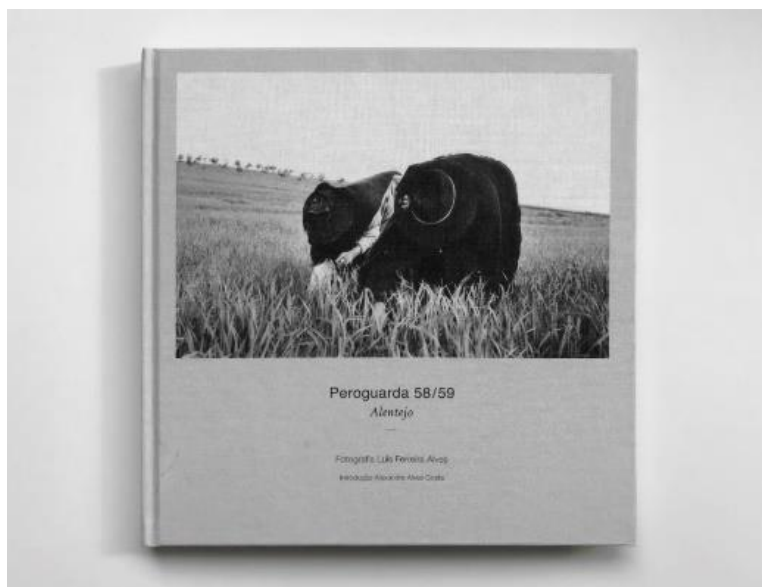
Intervenção no âmbito da apresentação do livro *Peroguarda 58/59*, do fotógrafo Luís Ferreira Alves, na Casa da Arquitectura, Matosinhos, em 26 de junho de 2021.



Luís Ferreira Alves (1938) é sobejamente conhecido como fotógrafo de arquitetura, tendo acompanhado profissionalmente e desde 1982 o percurso de Pedro Ramalho, Fernando Távora, Álvaro Siza, Souto de Moura e tantos outros arquitetos, de várias gerações, que gravitam à volta do Porto. O reconhecimento público do seu percurso profissional levou a Ordem dos Arquitetos, em 2013, a atribuir-lhe o título de *Membro Honorário*.

Mas dizer que Luís Ferreira Alves é um fotógrafo de arquitetura é evidentemente pouco. O trabalho de Luís Ferreira Alves não se restringe a uma categoria, é um trabalho amplo, diverso, que exprime diferentes interesses e uma cultura vasta e atenta ao que se passa em redor e mais além.

O Luís é alguém que se pode descrever como um *flâneur* (um caminhante, um observador), um *flâneur* no sentido da *flânerie* descrita por Honoré de Balzac: falamos da “gastronomia do olho”. Um olhar que se faz com o tempo e sem pressa, porque (e passo a citar): “vaguear é desfrutar, é recolher traços da mente, admirar pinturas sublimes de infortúnio, amor, alegria, retratos graciosos ou grotescos; é mergulhar o olhar nas profundezas de mil existências”¹.



O livro *Peroguarda 58/59* de Luís Ferreira Alves, como ele próprio esclarece, surge “na sequência da viagem do Poeta António Reis, convidado a lá ir pelo grupo folclórico que se exibira no Porto no ano anterior e com o qual, desde logo, se fortaleceram laços de muito emotiva e solidária amizade”².

Alexandre Alves Costa, companheiro de viagem, descreve este grupo como “um grupo compacto de homens e algumas mulheres, vestidos de escuro, tons de ocre, com uma solenidade que calou toda a gente, na festa de Santa Marta de Portuzelo” (...) “vinham abraçados e caminhavam, como um corpo só, balanceando ao ritmo lento da moda que entoavam”. “Seriam Portugueses? Ou nós não conhecíamos Portugal?”³.

É esta curiosidade e atenção pelo *outro* que leva os jovens Luís e Alexandre ao Alentejo, já na certeza que Portugal não se esgotava nas imagens simplistas construídas pelo Estado Novo (e que na arquitetura teriam como artifício a *casa portuguesa*, contestada por Fernando Távora na década anterior - 1947).

Luís Ferreira Alves e Alexandre Alves Costa seguem António Reis, cineasta e poeta da segunda geração do neorrealismo português, cujo o trabalho é descrito por Pedro Mexia, a propósito da reedição do livro *Poemas Quotidianos* (1957) pela editora Tinta da China, nas seguintes palavras: “Os poemas de Reis são sobre vidas comuns, marcadas pelo trabalho e a alienação, a fadiga e o descanso, o tédio e a solidão, os grandes medos e os pequenos prazeres, a dignidade e a opressão. Embora ‘quotidianos’, estes textos escolhem certos objetos que observam de um modo, digamos, cinematográfico, e a partir deles edificam um ‘espaço interior’ de indagação ética”⁴.

Ao percorrermos as páginas de *Peroguarda 58/59*, não resistimos à reapropriação das palavras Pedro Mexia para também dizer: que as fotografias de Luís Ferreira Alves são sobre vidas comuns, marcadas



pelo trabalho e a alienação, a fadiga e o descanso, o tédio e a solidão, os grandes medos e os pequenos prazeres, a dignidade e a opressão...

Luís Ferreira Alves oferece-nos um retrato complexo de “um tempo, uma terra, onde o que sobre aos homens não chega aos cães”⁵ – uma frase que ilustra a imagem cruel de uma cadela, subnutrida, em fase de amamentação, com o rabo entre as pernas e corda apertada ao pescoço. Enfim... Uma aldeia portuguesa, uma casa portuguesa – uma outra, que o Estado Novo quis encobrir, e que nem mesmo a Amália soube cantar, porque a *alegria da pobreza*, não deve, não pode desresponsabilizar ninguém. E só com muito cinismo se compreende a expressão que tanto ouvimos: *pobretes, mas alegretes*.

As imagens de Luís Ferreira Alves carregam a denúncia de um tempo sobre o qual não poderemos projetar qualquer nostalgia saudosista que não seja a do privilégio de poucos. Eram tempos difíceis, com 40% da população analfabeta e o trabalho infantil a rondar o 55%; 70% de trabalhadores rurais sem qualquer proteção social, e famílias inteiras obrigadas a emigrar ou sujeitas à exploração. É esta a realidade que os sorrisos das pessoas retratadas neste livro quase omitem – um sorriso que, não nos é destinado, a nós, mas apenas ao Luís que o soube conquistar com tempo e seu o afeto e assim fazer prevalecer uma dignidade que resistiu a todas as contrariedades.

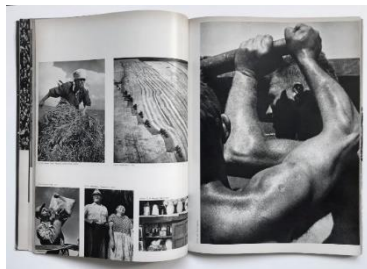
As imagens de Luís Ferreira Alves, carregam também a denúncia, de “um país de machos” onde “o mando é masculino e vertical” e “a servidão é feminina e horizontal”⁶ – referindo-se ao retrato das mulheres curvadas sobre o campo, enquanto arrancam as ervas nocivas às sementeiras (a chamada monda), vigiadas por um homem de cajado como se tratasse de um rebanho. Neste “país de machos” foi preciso esperar mais dez anos para que as mulheres pudessem votar. Mas mesmo que pudessem votar





nas eleições de 1958, do General de Huberto Delgado (o *General sem Medo*), pouco ou nada adiantaria, como sabemos, sob a ditadura opressiva de Salazar.

Em 1953, Luís Ferreira Alves com apenas 15 anos, integrou a secção Juvenil do Movimento de Unidade Democrática, revelando uma consciência política que a sua condição social e económica facilmente poderia ter ignorado (o MUD tinha sido interdito pelo Estado uns anos antes). A simples passagem por Peroguarda, com a sua mulher Helena Cardoso e Alexandre Alves Costa, levou-os a ser interrogados pela PIDE de Beja. Isso não os intimidou, antes pelo contrário. Entre 1961 e 1963 Luís Ferreira Alves foi quatro vezes preso, e torturado “para averiguação de crimes contra a segurança do Estado” (foi preventivamente preso aquando da inauguração da Ponte da Arrábida!). No total, e se não estou em erro, esteve 222 dias privado da sua família e dos seus muitos amigos. Retribui-lhe o destino, a coincidência da data do seu aniversário, ser também a data da Revolução de 1974.



Peroguarda 58/59 emerge deste contexto político, mas não explica as imagens em si, a sua sensibilidade, a sua qualidade estética, um valor que está para lá do seu propósito, para lá da razão. Sei que esta questão é cada vez mais polémica, mas o contexto em si, o estar do lado certo ou errado da história, não é por si só aquilo que legitima o valor da produção artística. E se falo em polémica é porque cada vez mais se assiste à incapacidade de pensar a arte com toda a sua complexidade e até contradição.

Mas procuremos, ainda assim, e sem o esforço de encontrar, o contexto estético em que se produzem estas imagens de Luís Ferreira Alves. Em 1953, o Luís inicia uma intensa atividade cineclubista motivado por Henrique Alves Costa, é cofundador da Secção de Cinema Experimental e da Secção de Formatos Reduzidos e tem aulas teóricas e práticas com o fotógrafo António Mendes (diretor de fotografia dos filmes de Manoel Oliveira, *Douro Faina Fluvial* e *Aniki Bóbó*). A cultura cinematográfica de Luís Ferreira Alves



depressa (ou melhor, apressadamente) nos levará a enquadrar o trabalho de Peroguarda no contexto de uma herança neorrealista do cinema italiano, mas também naquilo que se determinou chamar a fotografia humanista e que teve especial desenvolvimento em França no período pós-guerra. Falamos de uma fotografia focado nos maneirismos e costumes das pessoas, no quotidiano e na sua invisibilidade, para não dizer marginalidade. Jean Claude Gautrand descreve a fotografia humanista como: “uma tendência lírica, calorosa, fervorosa e receptiva aos sofrimentos da humanidade” (...) “em que os fotógrafos sonhavam com um mundo de socorro e compaixão mútuos, idealmente encapsulado em uma solícita visão”.⁷ Esta corrente estética, teve como ponto alto a exposição *The Family Of Man*, exibida no MoMA de Nova Iorque em 1955, e comissariada pelo fotógrafo Edward Steichen (o catálogo desta exposição vendeu mais de 4 milhões de cópias em todo o mundo e ainda hoje é impresso).

The Family Of Man procurou afirmar o reconhecimento de uma natureza humana universal, assente em valores como a igualdade e a tolerância, mas foi criticada por Roland Barthes e Susan Sontag como um “produto do humanismo convencional”⁸, sentimentalista, que acabou por “negar o peso determinante da história – das diferenças, das injustiças e dos conflitos genuínos e historicamente incorporados”⁹.

Por tudo isto, talvez devêssemos retomar o olhar para trabalho de *Peroguarda 58/59* sem a pressa de o enquadrar ou explicar esteticamente. Sabemos que as imagens de Luís Ferreira Alves expressam uma sincera empatia, solidariedade e afeto recíproco, demonstrado pela carta de despedida¹⁰ do seu amigo de Peroguarda, Teófilo Gonçalves Alexandre (em 1996, estava doente e consciente da morte).

Sabemos igualmente, que estamos perante um conjunto de imagens belíssimas, irrepreensíveis no que toca ao enquadramento, à composição, à luz. São ainda imagens cuja profundidade de campo serve para



enfatizar um sentido de paisagem, de geografia humana ou, como os arquitetos gostam de dizer, enfatizar o *espírito do lugar*.

Numa das últimas imagens deste livro, um grupo de crianças posa para a fotografia e por de trás deles, posam igualmente algumas mulheres que interromperam a monda para o efeito. No plano de fundo, um discreto muro branco enquadra um conjunto de ciprestes que denunciam a existência de um cemitério na continuidade da terra semeada. É a representação do tempo (o tempo da vida) que mais nos inquieta neste livro. Sessenta e três anos depois, tudo parece ter mudado, mas nada parece ter mudado. Existe vida e existe morte, existe um ciclo. Hoje há novos rostos a trabalhar na agricultura intensiva do Alentejo, igualmente explorados, igualmente esperançados de um futuro melhor.

A propósito de um outro livro de Luís Ferreira Alves, sobre a Casa Beires na Póvoa do Varzim, escreveu Siza: “só o Luís Ferreira Alves pode fixar num instante o que o tempo longamente trabalhou”¹¹.

Voltemos à *flânerie* Balzac: “ser jovem é desejar tudo, possuir tudo; e ser velho, é viver a vida dos jovens, é abraçar as suas paixões”¹²

-
- 1) Honoré de Balzac, *Physiologie du mariage Physiology of Marriage* (1829), tradução livre de “Flâner est une science, c'est la gastronomie de l'œil. Se promener, c'est végéter; flâner, c'est vivre... Flâner, c'est jouir, c'est recueillir des traits d'esprit, c'est admirer de sublimes tableaux de malheur, d'amour, de joie, des portraits gracieux ou grotesques; c'est plonger ses regards au fond de mille existences” (...)
 - 2) Luís Ferreira Alves, *Peroguarda 58/59*, Porto: Cariátides, 2020, p. 113.
 - 3) Alexandre Alves Costa, *Peroguarda 58/59*, Porto: Cariátides, 2020, p. 9.
 - 4) Citado a partir de: <https://tintadachina.pt/produto/poemas-quotidianos/>
 - 5) Luís Ferreira Alves, *Peroguarda 58/59*, Porto: Cariátides, 2020, p. 29.
 - 6) Idem, p. 64.
 - 7) Jean-Claude Gautrand, “*Looking at Others: Humanism and neo-realism*”, in *The New History of Photography*, 1998, p. 613.
 - 8) Roland Barthes, “La grande famille des hommes”, in *Mythologies*, Paris: Éditions du Seuil, 1957, p. 173–76.
 - 9) Susan Sontag *On Photography*, Harmondsworth: Penguin, 1977.
 - 10) Teófilo Gonçalves Alexandre, *Peroguarda 58/59*, Porto: Cariátides, 2020. 120.
 - 11) Mensagem enviada por Álvaro Siza Vieira a Luís Ferreira Alves no seu 80º aniversário (arquivo de Luís Ferreira Alves).
 - 12) Honoré de Balzac, *Physiologie du mariage Physiology of Marriage* (1829), tradução livre de “jeune, c'est tout désirer, tout posséder ; vieillard, c'est vivre de la vie des jeunes gens, c'est épouser leurs passions”.